



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.111.AO04>

O papel dos contos de fadas no processo grupal com crianças em vulnerabilidade social

The role of fairy tales in the group process with socially vulnerable children

Letícia Domingues Moura
Universidade São Judas
leticia_domingues100@hotmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-9852-5101>

Thaina Aparecida Barbosa Rocha
Universidade São Judas
<http://orcid.org/0000-0001-9267-4712>

Prof. Dr. Rodrigo Jorge Salles
Universidade de São Paulo.
<http://orcid.org/0000-0003-0485-4671>

Resumo

Os contos de fadas se mantêm através dos séculos e foram aos poucos sendo adaptados à infância. A literatura indica que os contos de fadas possibilitam que as crianças internalizem e elaborem conflitos, refletindo sobre possíveis soluções, podendo assim desenvolver sua própria capacidade de resolução de problemas. O presente estudo teve como objetivo compreender o papel desempenhado pelos contos de fadas no processo de atendimento grupal infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e delineamento clínico interventivo. Participaram da pesquisa sete crianças de 6 a 10 anos de idade, matriculadas em uma instituição de contraturno, que atende crianças em risco ou vulnerabilidade social. Foram trabalhados três contos de fadas em 12 sessões de atendimentos em grupo semanais. Além das anotações realizadas ao longo das sessões, para coleta de dados foi adotado o uso de um roteiro de anamnese e um questionário sociodemográfico, preenchidos junto aos responsáveis pelas crianças. Os dados coletados foram associados aos registros de campo elaborados ao longo das sessões e analisados a partir da proposta de análise de conteúdo temática. Os resultados indicam que os contos de fadas exercem uma função mediadora que auxilia na expressão dos conflitos infantis por meio da dimensão simbólica. O aprendizado internalizado adquirido a partir da relação com os contos possibilitou que as crianças criassem personagens que buscam o enfrentamento de desigualdades e superação de dificuldades sociais, evidenciando o papel dos contos de fadas na expressão e elaboração dos conflitos de crianças que vivenciam contextos sociais marcados pelo abandono, violência e vulnerabilidade.

Palavras-chave: Psicanálise; contos de fadas; dinâmica de grupo; vulnerabilidade; infância.

Abstract

Fairy tales have remained through centuries and were gradually adapted for children. Literature suggests that fairy tales make it possible for children to internalize and elaborate conflicts, reflecting possible solutions and developing their own problem-solving capacities. This study aimed to understand the role of fairy tales in the process of group attention for children. This is a qualitative study with a clinical intervention design. The research involved seven children from 6 to 10 years old, enrolled in an institution that attends socially vulnerable children or those in risk situations out of school time. Three fairy tales were used in 12 sessions of the weekly group attention. In addition to the notes made during these sessions, data collection adopted a case history script and a sociodemographic questionnaire, filled-in with the guardians of the kids. Data collected was associated to the field records created through the sessions and analyzed using the thematic content proposal. The results indicate that the fairy tales have a mediating role that aids in the expression of childhood conflicts through a symbolic dimension. The learning internalized from the relation with the tales enabled children to create characters that seek to confront inequality and overcome social difficulties, evidencing the role of fairy tales in the expression and elaboration of the conflicts of children who experience social contexts marked by abandonment, violence, and vulnerability.

Keywords: Psychoanalysis; fairy tales; group dynamics; vulnerability; childhood.

Resumen

Los cuentos de hadas han existido hace siglos y gradualmente se adaptaron para los niños. La literatura indica que esos cuentos posibilitan que los niños asimilen y elaboren conflictos, reflexionando sobre posibles soluciones y así desarrollando su propia capacidad de resolución de problemas. Ese estudio objetivó comprender el papel de los cuentos de hadas en el atendimento grupal infantil. Es una investigación cualitativa con delineamento clínico intervencionista. Participaron 7 niños de 6 a 10 años, matriculados en una institución que funciona fuera del horario escolar y atiende a niños en riesgo o socialmente vulnerables. Se utilizó 3 cuentos de hadas en 12 sesiones semanales de atención en grupos. Para allá de las notas hechas a lo largo de ellas, se

adoptó para colección de datos un script para la anamnesis y un cuestionario sociodemográfico, relleno con los tutores de los niños. Se asoció los datos colectados a los registros hechos a lo largo de las sesiones en la investigación de campo, por medio del análisis de contenido temático. Los resultados indican que los cuentos de hadas tienen una función mediadora y ayudan en la expresión de conflictos infantiles en la dimensión simbólica. El aprendizaje asimilado por medio de la relación con los cuentos permitió que los niños crearan personajes que buscan enfrentar las desigualdades y superar dificultades sociales, mostrando el papel de los cuentos de hadas en la expresión y elaboración de los conflictos de niños que viven en contextos sociales marcados por el abandono, la violencia, y la vulnerabilidad.

Palabras-clave: *Psicoanálisis; cuentos de hadas; dinámica de grupo; vulnerabilidad; infancia*

Introdução

A presente investigação tem como proposta compreender o papel desempenhado pelos contos de fadas no processo de atendimento grupal de crianças em situação de vulnerabilidade social. Os contos de fadas se mantêm através dos séculos e foram aos poucos sendo adaptados à infância. Inicialmente eram transmitidos oralmente entre adultos e perpetuados através das gerações, apresentando conflitos inerentes ao universo desse público, contendo histórias com temas relacionados ao adultério, canibalismo, incesto e mortes cruéis. (Schneider & Torossian, 2009).

O processo de adaptação dos contos de fadas para o universo infantil mantém estreita relação com a mudança de paradigma na abordagem da infância enquanto etapa do desenvolvimento dotada de características próprias. Segundo Philippe Ariès (1975/1981), inicialmente a criança era vista pela sociedade como uma miniatura de um adulto, diferenciando-se apenas pelo tamanho e força, causando assim certo anonimato e a inexistência de atividades destinadas a este público. Com o passar dos séculos, ocorreu uma descoberta da infância, e com isso, as crianças começaram a ser vistas como seres em desenvolvimento (Ariès, 1975/1981). Com a maior visibilidade desta faixa etária, os contos gradativamente foram adaptando-se para auxiliar na elaboração dos conflitos do mundo infantil e sua vida imaginária (Schneider & Torossian, 2009).

O desenvolvimento e a popularização da teoria psicanalítica auxiliaram na desconstrução da concepção de que a infância é uma etapa livre de conflitos e angústias. Os diferentes teóricos da psicanálise evidenciaram a importância dos conflitos infantis, estando a maior parte deles relacionados às relações iniciais com as figuras parentais, envolvendo situações como o drama edípico, a castração e as diferentes experiências de separação da genitora,

que vão desde o momento do nascimento até o desmame (Bolsson & Benetti, 2011). O encontro entre a atividade de transmissão dos contos de fadas e a teoria psicanalítica resultou na discussão sobre o processo de elaboração dos dramas infantis a partir do ato de contar e recontar histórias.

Para Bettelheim (1974/2015), no decorrer do seu desenvolvimento a criança vai adquirindo a capacidade de compreender a si e o ambiente que a circunda. Falconi e Farago (2015) afirmam que os contos de fadas propiciam que a criança vivencie diferentes papéis sociais, promovendo a socialização, a troca de experiências e uma maior inserção no grupo social. Neste contexto, os contos de fadas possibilitam que as crianças internalizem e elaborem conflitos, refletindo sobre possíveis soluções, podendo assim desenvolver sua própria capacidade de resolução de problemas. Schneider e Torossian (2009) exemplificam esse aspecto, descrevendo que em todas as histórias existem protagonistas que lidam com grandes desafios para, ao final, alcançarem possibilidades de triunfar sobre o mal.

Desse modo, os contos favorecem a elaboração das angústias infantis, uma vez que os desfechos das histórias tendem a conduzir o leitor a uma solução, permitindo uma reintegração que restabelece tanto a ordem do mundo ficcional, como também do seu mundo interno (Corso & Corso, 2006; Bettelheim, 1974/2015). Tal processo seria permitido graças às projeções operadas pelas crianças a partir das histórias, revivenciando angústias primitivas que são atualizadas na trama narrada, tendo a criança a tarefa de elaborar seus conflitos a partir dos personagens identificados. (Kayser & Lopez, 2017).

Um dos enquadres terapêuticos para utilização dos contos de fadas é o método de oficinas em grupo. Segundo Afonso (2018), “a oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social” (p. 9). Em se tratando de oficinas em grupo com crianças, Freitas (2016) ressalta o papel do brincar como método para expressão infantil. Através do brincar, a criança pode expressar suas fantasias e conflitos, além de vivenciar o contato social com outras crianças que compõem o grupo. Para a estruturação das oficinas infantis, são necessárias técnicas que proporcionem o brincar, promovendo atividades lúdicas como grafismo, uso de colagens, tintas e diferentes brincadeiras e/ou dinâmicas de grupo que favoreçam a expressão dos conflitos dos participantes, incluindo o uso dos contos de fadas. Segundo Corso e Corso (2006) os contos

de fadas mobilizam a identificação infantil, de modo que, ao permitir-se o contato com o universo do “faz de conta”, a criança poderá comunicar seus conteúdos internos, projetando-os nas histórias narradas.

No que diz respeito ao trabalho com grupos de crianças, Guimarães, Malaquias e Pedroza (2013) afirmam que o enquadre analítico funcionará como um espaço para que os elementos arcaicos sejam depositados pelos componentes do grupo. O *setting* será composto pelos resíduos das experiências psíquicas de cada criança, reeditados no campo grupal junto aos terapeutas a partir dos fenômenos transferenciais.

Neste contexto, o grupo deve desempenhar o papel de continente para as demandas mobilizadas pelos seus participantes. Segundo Silva (1998), os conceitos Bionianos de continente e contido remetem a situação materno-infantil e a capacidade da figura materna de conter e transformar as angústias primitivas projetadas pelo bebê, processando e devolvendo os conteúdos de uma maneira que possa ser assimilada pelo aparelho psíquico da criança. Fenômeno semelhante irá ocorrer no campo grupal, espaço onde as crianças poderão depositar conteúdos primitivos e contar com a função de continência dos terapeutas no processamento das angústias que ainda não são capazes de compreender. Portanto, o espaço grupal será tanto um espaço para atualização dos dramas primitivos a partir da sua reedição no aqui agora do campo grupal, como também um espaço potencial para o exercício da dimensão criativa a partir do brincar, permitindo não só o contato com os conflitos como também sua potencial resolução, mediada por atividades como os contos de fadas.

Ainda que as oficinas sejam distintas de enquadres clínicos de psicoterapia grupal, a literatura científica tem demonstrado suas funções terapêuticas quando associadas ao uso dos contos de fadas em diferentes contextos e populações. Sbardelotto e Donelli (2014) realizaram um estudo com crianças de 6 a 10 anos de idade no Centro de Atenção Integrado em Saúde Mental (CAISME), visando investigar a utilização dos contos de fadas como intervenção grupal com crianças pertencentes ao ambulatório de Saúde Mental, encaminhadas por dificuldades na aprendizagem ou relacionamento social. Quanto à sua estrutura, os encontros foram divididos em três partes: a leitura do conto, a realização de um desenho relacionado ao conto, e em seguida, uma brincadeira livre. Como resultados, os autores concluíram que as crianças que inicialmente apresentaram dificuldade de

socialização desenvolveram essa habilidade no decorrer do processo, além de aprimorarem sua forma de expressão de conflitos internos.

Costa, Cadore, Lewis, Perrone (2013) desenvolveram um estudo no Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSi) com crianças de 7 a 10 anos de idade, que objetivou construir um espaço terapêutico de escuta intermediado pela dimensão lúdica. A estrutura dos encontros envolveu a leitura dos contos, inserção de músicas, produções gráficas e a reconstrução e interpretação teatral das narrativas pelos próprios participantes. Os autores observaram em seus resultados, que após o processo, houve a melhora da elaboração de conflitos psíquicos, a ampliação do repertório para simbolização das angústias e o enfrentamento das dificuldades apresentadas pelas crianças que participaram das oficinas de contos de fadas.

Objetivo

Como apresentado nessa breve revisão de literatura, a utilização dos contos de fadas como forma de intervenção grupal se mostra pertinente no auxílio da elaboração de conflitos infantis. Deste modo, nota-se a necessidade de ampliar a utilização deste tipo de enquadre empregando-o em outros contextos clínicos e sociais, incluindo cenários institucionais que acolhem crianças em situações de vulnerabilidade social. Partindo desta justificativa, a presente investigação se propôs a compreender como as oficinas que adotam o uso de contos de fadas podem auxiliar na expressão e elaboração dos diferentes conflitos apresentados por crianças que lidam com situações como violência doméstica, negligência, abandono e/ou vulnerabilidade financeira por parte da família.

Método

O estudo possui natureza qualitativa e delineamento clínico interventivo, trabalhando com atendimentos em grupos realizados com crianças. Pinto (2004) define a pesquisa clínica como um procedimento relacionado à construção e interpretação para a investigação da realidade estudada.

A pesquisa foi realizada com um grupo composto por 7 participantes, que possuem de 6 a 10 anos de idade, matriculadas em uma instituição social de contraturno pública localizada na região leste do município de São Paulo. A instituição de contraturno é um local onde as

crianças permanecem no período diurno, realizando diversas atividades que favorecem a socialização, exercício da cidadania e complemento à educação, como por exemplo, reforço escolar, apoio psicopedagógico, apoio psicoterapêutico, além do incentivo à prática de atividades físicas, aulas de música e dança. As crianças assistidas pela instituição são residentes de comunidades da Zona Leste do município, sendo um local de referência para o cuidado de crianças que não estudam em período integral na escola regular.

Para a realização da presente pesquisa foi feita uma parceria com a instituição, que assinou um termo de autorização para realização do estudo, auxiliando na seleção dos participantes e oferecendo o espaço físico na sua sede para a operacionalização do grupo. Cada criança selecionada para o grupo apresentava pelo menos uma das seguintes demandas: violência doméstica, que ocorria entre as figuras parentais ou outros membros, negligência relacionada aos cuidados recebidos, abandono e/ou vulnerabilidade financeira por parte da família, que ocasionava dificuldades na esfera da alimentação e moradia. Visto que todas as crianças matriculadas na instituição apresentavam tais demandas, o grupo foi constituído a partir de encaminhamentos do setor pedagógico considerando crianças que possuíam grande dificuldade na aceitação das regras e socialização com as demais crianças da instituição, apresentando baixa adesão a outros tipos de atividades institucionais.

O serviço de psicologia da instituição realiza grupos com todas as crianças matriculadas. Deste modo, as sete crianças convidadas para a participação da pesquisa já faziam parte de um grupo semanal na instituição com as mesmas terapeutas, havendo, portanto, um vínculo terapêutico anterior. O objetivo dos encontros da primeira oficina foi promover o relaxamento por meio de técnicas de respiração e trabalho em equipe, realizando atividades lúdicas que buscavam a autorregulação da atenção no momento presente.

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) (Número do parecer 3.317.444 e CAAE: 10754919.1.0000.0089), foi feita a transição de enquadre do grupo de relaxamento para as oficinas de contos de fadas que apresenta como foco a utilização dos contos como mediadores da expressão dos conteúdos infantis. A atividade proposta foi conduzida com as mesmas crianças e com as mesmas estagiárias que já conduziam o grupo de relaxamento.

A estruturação das oficinas e escolha dos recursos lúdicos ocorreu com base em literaturas de referência para tais temas. Os contos de fadas foram escolhidos e analisados a partir do

referencial interpretativo proposto por Corso e Corso (2006) e Bettelheim (1974/2015), que apresentam uma leitura psicanalítica para os clássicos infantis. O referencial adotado para o manejo das oficinas foi amparado no trabalho de Afonso (2018), Sbardelotto e Donelli (2014) e Schneider e Torossian (2009), que ressaltam o papel dos elementos lúdicos no enquadre grupal com crianças, sugerindo o uso de atividades como desenhos, brincadeiras, dinâmicas de grupo e colagens, adotadas como recursos complementares aos contos de fadas.

Os contos de fadas foram selecionados após a compreensão da demanda dos participantes. A construção da demanda se deu a partir da análise do encaminhamento proposto pelo setor pedagógico, associada à realização de entrevistas com os familiares de cada criança. Para a coleta de dados foi realizado um primeiro encontro presencial com os responsáveis pelas crianças, que foram informados sobre o objetivo do grupo e da pesquisa e realizaram a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os responsáveis responderam um questionário sociodemográfico contendo perguntas que permitiram a caracterização das crianças, como também às questões de um roteiro de anamnese elaborado pelas pesquisadoras com o objetivo de conhecer o histórico dos participantes do grupo. Posteriormente às entrevistas iniciais com os pais, as crianças foram convidadas individualmente, para uma breve conversa sobre o grupo e a pesquisa, esclarecendo seus objetivos, momento que se configurou como a realização do enquadre sobre os encontros. Após aceitarem a participação, as crianças assinaram o termo de assentimento infantil, escrito em linguagem acessível e coerente com a faixa etária dos participantes.

Ao todo foram realizados 12 encontros, ocorrendo duas vezes por semana com duração de 60 minutos. As estagiárias revezaram-se nas funções de terapeuta e co-terapeuta, sendo supervisionadas pelo orientador da pesquisa. Cada conto foi trabalhado em 3 encontros, adotando-se a seguinte sequência de atividades: 1) No primeiro momento foi realizada a contação de história de forma lúdica, solicitando que as crianças fizessem um desenho livre sobre o conto lido pelas terapeutas; 2) No segundo encontro o conto era retomado, propondo-se que as crianças recontassem a história a partir de colagens. Nesses encontros foram disponibilizadas revistas, bem como, cola, tesoura sem ponta, lápis preto e de colorir, folhas sulfites ou *craft*; 3) No terceiro e último encontro o foco foi a reconstrução coletiva do conto, realizada por meio de uma dinâmica com as crianças, propondo perguntas objetivando a

reflexão e percepção grupal sobre o conto, bem como, o fornecimento de materiais para a construção de cenários e/ou a confecção de fantasias dos personagens existentes na história. O principal objetivo do último encontro foi promover a interação grupal e o fechamento do conto trabalhado. Os encontros posteriores tiveram a mesma configuração apresentada, dado que, a cada três encontros foi apresentado um novo conto para ser trabalhado com as mesmas etapas descritas acima.

Os dados foram analisados a partir do método de análise de conteúdo temática, que objetiva inicialmente o planejamento, coleta e sistematização dos dados, e em seguida, nas fases posteriores, objetiva-se a análise dos dados através da criação de categorias temáticas (Bardin, 1977/2016; Carlomagno & Rocha, 2016). Foram construídos quatro eixos de análise relacionados às situações grupais vivenciadas e seus respectivos temas. O *corpus* que foi submetido à análise de conteúdo foi composto pelas histórias narradas pelas crianças para os contos, suas atividades gráficas, colagens e as anotações realizadas pelas estagiárias/pesquisadoras a partir da relação lúdica e/ou verbal de cada criança com os membros do grupo. Tais informações foram confrontadas com o questionário sócio demográfico e a entrevista de anamnese previamente realizada com os responsáveis, adotando a teoria psicanalítica como referencial teórico para discussão.

Resultados e Discussão

Para facilitar o entendimento sobre os participantes do estudo, foi confeccionada uma tabela de caracterização com nomes fictícios com intuito de preservar a identidade dos participantes (Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização dos participantes.

Nome	Familiares que residem com a criança
Aline	Mãe, irmã e outros familiares
Amanda	Somente com a mãe
Bianca	Mãe e irmão

João	Mãe e irmãos
Mateus	Pais e irmão
Murilo	Mãe e irmão
Pedro	Mãe e irmãos

A partir do processo de análise foram definidas quatro categorias temáticas para discussão: 1) A construção do Espaço Grupal; 2) Bullying e abandono no conto “Dumbo”; 3) A busca por reparação no conto João e Maria; 4) Ausência paterna e o sentimento de abandono no conto Cinderela.

1) A construção do Espaço Grupal

Este eixo de discussão será dedicado à discussão da posição das crianças diante do novo enquadre estabelecido, seus comportamentos iniciais e escolhas dos temas abordados. Ao realizar a transição das oficinas de relaxamento para oficina de contos de fadas, foram observadas resistências que resultaram em um enfraquecimento do vínculo prévio tanto entre as crianças tanto para com as terapeutas, sendo necessário, portanto, um novo contrato de trabalho e a construção de novas formas de vinculação.

Uma das primeiras hipóteses levantadas sobre essa desorganização diz respeito à mudança de enquadre e o contraste frente à natureza mais estruturada e diretiva adotada nas atividades anteriores. A abordagem anterior baseada em técnicas de relaxamento envolvia o controle de ansiedade a partir de técnicas de respiração e concentração. Em oposição a essa proposta, as oficinas de contação de histórias demandam uma posição ativa frente a uma tarefa pouco estruturada, favorecendo a expressão de angústias por meio da exteriorização de conteúdos internos na forma de histórias e atividades lúdicas, conteúdos estes que antes estavam recalçados.

É importante considerar que as tarefas propostas ao longo das oficinas, que envolveram contar histórias e desenvolver diferentes tipos de atividades gráficas, favorecem a projeção de conteúdos do mundo interno infantil (Kayser & Lopez, 2017). Segundo Anzieu (1978), a situação projetiva é considerada uma “situação vazia” que deverá ser estruturada pelo próprio indivíduo a partir das suas associações livres diante dos estímulos ambíguos apresentados. Do ponto de vista metapsicológico, a produção de respostas aos estímulos e o possível preenchimento e estruturação da situação projetiva só serão possíveis a partir de uma regressão transitória no funcionamento psíquico. Tal regressão implicaria uma

passagem do processo secundário ao processo primário, definida por Werlang e Cunha (1993) como uma regressão a serviço do Ego. Segundo as autoras, em um *setting* pouco estruturado existe uma interrupção temporária da ação do juízo crítico, com o rebaixamento da censura, permitindo a produção de material que revela indícios sobre conflitos, fantasias, desejos e emoções latentes.

Portanto, a transição de um *setting* estruturado para uma proposta de oficina com menor estruturação, pode ter mobilizado um funcionamento regressivo que colocou as crianças em contato com conteúdos até então mantidos fora da esfera consciente. Como resposta, houve um aumento das resistências visando evitar o contato com as angústias mobilizadas pela nova experiência. Estes aspectos foram observados tanto pela desorganização das crianças e constantes ataques ao *setting*, como também em suas posturas frente aos contos, como por exemplo, respondendo que existiam apenas pontos positivos nos contos de fadas apresentados e fornecendo respostas descritivas sobre seus desenhos e colagens, além de entrar nos armários presentes na sala de atendimento para se afastar do restante do grupo.

Do ponto de vista da análise das resistências a partir da perspectiva grupal, as situações apresentadas configuram-se como comportamentos, que segundo Afonso (2018), relacionam-se com o medo dos integrantes do grupo frente ao novo, sendo o novo aqui representado tanto pela mudança no enquadre como pelo contato com conteúdos internos até então desconhecidos aos participantes. Segundo Afonso (2018) nos primeiros encontros de um grupo são necessárias intervenções que promovam o sentimento de pertencimento e interação entre os participantes, permitindo que, gradualmente, ocorra a consolidação de um vínculo de trabalho.

Guimarães, Malaquias e Pedroza (2013) discorrem a respeito da necessidade de que o grupo terapêutico tenha atenção quanto aos temores presentes no processo. A atenção para esses medos permite que o terapeuta realize intervenções para diminuir essas angústias. Deste modo, como primeira intervenção, as estagiárias notaram a necessidade de retornar o enquadre inicial, para que assim, fosse possível o retorno do grupo para sua tarefa.

Para redefinição do enquadre, houve a criação de combinados dentro do contexto grupal, com intuito de estabelecer o contrato com os integrantes do grupo. Desse modo, foi definido de forma conjunta, um rito inicial para os encontros, contendo atividades corporais, com intuito de acalmá-los e situá-los ao início dos encontros, uma vez que, chegavam ao local

agitados. Houve também a definição de regras que viabilizaram a inserção de limites que favorecessem o bem-estar de todos os integrantes, além da criação do nome "Grupo dos Sentimentos". Os armários, anteriormente compreendidos como forma de ataque ao *setting*, também foram ressignificados, transformando-se em parte do rito de passagem, onde as crianças passaram a compreendê-los como "armários da transformação". Todas as decisões foram realizadas de forma coletiva e lúdica, objetivando o pertencimento grupal dos participantes.

Mesmo com a introdução das novas regras, a resistência observada inicialmente ainda se manteve, apresentando-se de variadas formas pelas crianças, caracterizando-se como ataque ao *setting*. Como por exemplo, a utilização do uso do armário por alguns participantes, escondendo-se e emitindo sons que desestabilizavam o grupo, assim como faltas que foram apresentadas por Mateus, Bianca e Murilo, que ocasionaram atritos nos encontros posteriores e recusa de escutar o que havia sido trabalhado anteriormente no grupo. Pode-se compreender que estes comportamentos foram uma tentativa das crianças de se afastar dos conteúdos que eram suscitados nos encontros, pela dificuldade em lidar com determinados temas, repetindo no grupo a queixa apresentada pelos profissionais da instituição: a dificuldade em lidar com regras e limites.

Devido às faltas iniciais, foi necessária uma flexibilização do enquadre, pois nem toda criança conseguiria suportar um encontro fechado com normas rígidas. Sendo assim, houve uma sinalização para todas as crianças sobre a não obrigatoriedade do grupo e a possibilidade de recusar a realizar tarefas que despertavam desconforto, evitando assim sentimentos de aversão por parte dos integrantes.

Após as intervenções, observou-se que os participantes intensificaram o pertencimento ao grupo, diminuindo significativamente a busca pelo armário como forma de se isolar do restante dos integrantes e desestabilizar o encontro com intuito de receber atenção. Também foi observada uma maior interação entre os integrantes, visto que começaram a compartilhar informações e vivências durante o desenvolvimento das atividades, reduzindo as posturas agressivas. A consolidação de um espaço grupal e o sentimento de pertencimento ao novo grupo possibilitou gradualmente o trabalho de temas mais específicos baseados nos contos de fadas.

Com o intuito de manter a participação ativa das crianças na construção dessa nova proposta grupal, optou-se pela oferta de duas opções de contos, permitindo a escolha da história que seria trabalhada nesse e nos dois encontros seguintes. Notou-se que as crianças já conheciam as histórias presentes nos contos que lhe foram apresentados durante o processo de atendimento. Os próximos eixos de discussão terão o intuito de apresentar a dinâmica observada frente aos conteúdos evocados pelos contos escolhidos pelo grupo.

2) *Bullying e abandono no conto “Dumbo”*

Os primeiros contos selecionados, O patinho feio e Dumbo, correspondiam às demandas identificadas nos relatos com os responsáveis referente à presença do *bullying* nas relações das crianças com colegas, seja no papel de agressor, vítima ou ambos. Outro tema existente nas histórias diz respeito à relação com a figura materna, que observou-se como um conflito recorrente relatado durante as entrevistas de anamnese, tendo em vista que algumas genitoras informaram sobre a existência de uma disputa entre as crianças e seus irmãos pela atenção da mãe.

Corso e Corso (2006) apresentam características destacáveis nos dois contos selecionados, como o “desamparo infantil, angústia de separação e sentimentos de inadequação e rejeição da família” (p.31). Na escolha, os participantes optaram pelo conto “Dumbo”, que segundo Corso e Corso (2006), muito se assemelha ao “Patinho feio”, porém, diferenciando-se em relação à postura da figura materna, que permanece presente e acompanha o conflito do protagonista até o final, insistindo em prestar o suporte materno que o personagem necessita, mesmo com adversidades, enquanto a mãe do “Patinho Feio” o abandona. Essa escolha pode ser compreendida como uma tentativa dos integrantes em lidar com um conto menos ansiógeno, diante da existência de conflitos com a figura materna e o temor presente relacionado à perda desse objeto de amor.

Desde o primeiro momento da apresentação do conto, as crianças mostravam-se interessadas e trocavam informações sobre como compreendiam a história. Observaram-se projeções por parte das crianças nas confecções das três atividades baseadas nesse conto, identificando-se com momentos específicos que mantêm relação com suas histórias pessoais, suas compreensões e desejos em relação ao núcleo familiar. Os conteúdos projetados com

maior frequência referiram-se às relações vinculares que as crianças estabelecem no contexto familiar e escolar, além de dificuldades relacionadas à desigualdade social.

No primeiro encontro, foi solicitado que as crianças realizassem um desenho livre sobre a história. Essa atividade despertou nos participantes identificações acerca do reconhecimento, uma vez que a maioria confeccionou desenhos focados no momento clímax do conto, em que o personagem principal descobre que sua característica entendida como negativa (orelhas grandes) era na verdade o diferencial que lhe possibilitou ganhos significativos, como o reconhecimento e admiração do outro.

A situação de vulnerabilidade implica em um desamparo, podendo-se compreender o desamparo ocorrido como uma situação de privação proporcionada pelo ambiente. Fávero-Nunes (2019) discute sobre a formação na clínica e as experiências iniciais no atendimento de crianças e seus responsáveis, refletindo como a situação grupal possibilita a diminuição da sensação de isolamento vivenciado por crianças e suas famílias, diante de suas diversas queixas, em razão do favorecimento de movimentos voltados à identificação entre os participantes do grupo. Assim, pode-se compreender que a identificação ocorrida no contexto grupal possibilita o surgimento do reconhecimento de cada participante a partir das relações que se constroem.

Foi observado que somente Amanda realizou a primeira atividade com foco em um momento anterior ao momento clímax do conto, desenhando o circo (lar do personagem Dumbo). A identificação com esse trecho do conto revelou-se significativa tendo em vista o histórico dessa criança. Desde seu nascimento as moradias de Amanda foram instáveis e há poucos anos houve uma perda de residência repentina devido a questões financeiras. Nesse sentido, infere-se que o ato de desenhar o circo é uma forma de demonstrar a identificação com a exclusão moratória do personagem, tal como tem sido apresentado em sua própria história de vida.

Em um segundo encontro sobre o tema, foi proposto aos integrantes do grupo a realização de colagens, e em seguida, foi solicitado que contassem uma história relacionada à sua produção. Apesar da ênfase do conto sobre questões como o *bullying* e a separação materna, outros temas foram inseridos por algumas das crianças ao longo do desenvolvimento das colagens, demonstrando formas particulares de estruturar a atividade a partir de suas próprias angústias.

Todos os participantes apresentaram identificações e projeções de sentimentos e conflitos nos personagens de suas colagens. Entretanto, devido à coesão grupal ainda não estar totalmente estabelecida, resultava em dificuldades de comunicação e reconhecimento por parte dos integrantes, causando um afastamento na realização das tarefas gráficas, devido aos movimentos das crianças de desestabilizar os demais integrantes do grupo se ausentando da tarefa proposta.

Apesar das demais crianças apresentarem esse movimento, a atividade de Murilo exposta para todos, momentos antes do final do encontro, demonstrou uma identificação intensa com o personagem da história, realizando a construção de um desenho do coração partido da mãe de Dumbo, o qual nomeou como sendo seu próprio coração devido ao adoecimento de um dos seus irmãos. Infere-se que a angústia suscitada pela situação atual do irmão emergiu de forma intensa durante a produção de sua colagem. É possível pensar também na associação indireta entre a separação do irmão e a possibilidade de separação materna, tema presente no conto e na sua história pessoal, uma vez que a criança passou por uma longa separação da figura materna em sua primeira infância, justamente pelo processo de adoecimento de outro irmão, o que possivelmente despertou novamente um sentimento de desamparo. Essa troca de experiência favoreceu a sensação de reconhecimento entre as crianças, uma vez que estas se sentiram mobilizadas com seu relato e iniciaram um diálogo conjunto de troca de vivências. Tal situação demonstra a transformação do ambiente grupal como um local que possibilita o acolhimento de angústias e sofrimentos.

A realização do último encontro sobre o conto Dumbo despertou maior dificuldade nos integrantes do grupo, uma vez que estes não conseguiram executar a atividade grupal estabelecida para aquele encontro. Foi apresentada às crianças a proposta de se realizar uma atividade em grupo sobre o conto, de forma que as crianças optaram por realizar um teatro. No entanto, visto que cada participante escolheu representar um personagem da história, escolheram primeiro confeccionar os figurinos de forma individual. Assim que partiram para a apresentação em grupo, as crianças não conseguiram se organizar ou entrar em concordância sobre o que seria feito, sendo necessárias pontuações verbais das terapeutas, com intuito de promover o trabalho em conjunto dos integrantes do grupo.

Um exemplo significativo da relação entre a escolha por personagens e o papel desempenhado em grupo, foi visível em Mateus, que optou em ser diretor do circo,

personagem que desenvolve o papel de vilão da história, sendo alguém que separa Dumbo de sua genitora. Esse comportamento foi reproduzido no grupo por Mateus, que tentou por diversas vezes impedir os colegas de continuar a atividade por meio de provocações, tomando para si o papel de sabotar o grupo, possivelmente devido suas ausências nos encontros iniciais, como uma tentativa de desestabilizar os demais integrantes, pois não se sentia pertencente ao processo grupal.

Observou-se que as dificuldades apresentadas não ocorreram nos encontros anteriores, o que pode estar relacionado à mudança na organização da tarefa, pois anteriormente, partiam de ações individuais, enquanto o último encontro teve como objetivo a realização de ações em grupo. Outro aspecto que possivelmente influenciou nessa desorganização, diz respeito à dificuldade dos integrantes em lidar com finalizações, o que pode indicar uma relação entre o fechamento da atividade e a experiência de separação, uma vez que a angústia de separação foi uma constante em todo o processo grupal. A angústia de separação suscitada pela finalização da atividade pareceu evocar as situações de separação com a figura materna e o sentimento de inadequação com o ambiente que são apresentados pelo protagonista da história, o que mobilizou nos participantes do grupo angústias próprias frente às situações conflituosas na relação com a experiência de separação em seus contextos familiares. Há grande relevância na identificação dessa manifestação nas crianças, uma vez que a angústia de separação pode acarretar um sofrimento psíquico intenso, podendo ocasionar na aparição de um adoecimento psíquico, como a neurose (Bolsson & Benetti, 2011).

3) A busca por reparação no conto *João e Maria*.

Ao longo das entrevistas iniciais que antecederam a oficina, observou-se a predominância de conflitos com as figuras parentais, principalmente a figura materna, favorecendo a identificação das compreensões que as crianças possuem sobre suas relações vinculares. O tema foi percebido nos relatos das genitoras, que mencionaram o desejo das crianças de que a mãe fosse diferente, assim como comportamentos opostos direcionados à figura materna. Diante dessas informações, foram selecionados dois contos que abordassem a temática: Cachinhos Dourados e João e Maria.

Para Corso e Corso (2006), Cachinhos Dourados diz respeito a temas como o “desamparo infantil, vínculo mãe-bebê, angústia de separação e sentimentos de inadequação e de rejeição

na família” (pp. 31), não tendo um desfecho bem delimitado, enquanto João e Maria aborda conteúdos relacionados a “fantasia de expulsão do lar ou a relação de castração com as figuras parentais” (pp. 45), havendo, no entanto, uma trajetória dos personagens que os leva ao caminho necessário para a conquista de uma configuração de vínculo familiar satisfatória e a busca por independência (Corso & Corso, 2006). Novamente houve a escolha das crianças por um conto menos ansiógeno, optando por João e Maria.

No primeiro encontro, todas as crianças começaram a fazer seus desenhos prontamente após a narração da história, trabalhando, entretanto, de forma isolada. Devido às demandas evocadas pelo conto, observou-se que os integrantes do grupo apresentaram a necessidade em lidar com essas questões de forma individual. Ainda assim, as crianças buscavam as terapeutas para contar sobre o que estavam realizando na atividade, mesmo quando não desejavam compartilhar com os demais integrantes do grupo, o que demonstra a atribuição de confiança destinada às terapeutas, bem como, à identificação do espaço grupal e da postura das terapeutas como continentes.

Zimerman (1993/2000) ressalta a continência e sua importância no contexto grupal, identificando os benefícios do grupo como um continente para cada indivíduo, partindo do pressuposto de que este tem uma necessidade de acolhimento e reconhecimento, advinda das demais pessoas nos âmbitos em que está inserido. Nesses encontros, em diversas situações foi necessário por parte das terapeutas nomear e reconhecer as emoções apresentadas, como raiva, tristeza e alegria, angústias até então inomináveis. Em geral, as crianças se mostraram menos angustiadas após esses acolhimentos, enfatizando a importância do reconhecimento e função de continência das terapeutas.

Nas produções gráficas do conto, todas as crianças representaram o momento em que João e Maria encontram a casa de doces, acreditando que seria uma solução para o conflito que estavam vivenciando anteriormente na floresta. Pedro foi a criança que mais apresentou conflitos durante esta tarefa, apresentando intensa agressividade em sua produção gráfica, justificando que era destinada a bruxa má do conto. Segundo Corso e Corso (2006), é possível levantar como hipótese a presença de uma agressividade destinada à genitora, que neste contexto foi associada à imagem da bruxa má. Durante a entrevista de anamnese, a mãe de Pedro reconheceu que tem cuidados excessivos com o filho, direcionando atenção maior para ele em relação aos seus irmãos, o que resultou em um atraso no desenvolvimento

como a demora do desfralde e falas muito infantilizadas para a idade. Esses comportamentos da mãe podem ter favorecido uma simbiose na relação, impedindo a independência da criança, motivo pelo qual a bruxa por ser uma figura dominante, que aprisiona João e Maria, despertou a agressividade latente de Pedro.

No segundo encontro houve uma modificação na postura das crianças no momento da realização da atividade, pois passaram a compartilhar informações sobre sua vida pessoal enquanto realizavam a atividade de colagem. O tema discutido pela maioria dos participantes tratava-se da morte e do adoecimento, assunto iniciado por Aline, que de forma espontânea, cantarolou uma música que mencionava a palavra “morte”. Deste modo, os demais integrantes começaram a descrever situações de familiares ou conhecidos que faleceram ou vivenciaram situações de adoecimento, movimento que pode estar associado a maior sensação de segurança no grupo para relatar temas difíceis e adversos.

A partir deste encontro, foi observada a intensificação do vínculo entre as crianças, que buscaram trocar informações e vivências entre si, e não mais apenas com as terapeutas, sentindo que poderiam não só exteriorizar suas angústias como também serem acolhidas pelo grupo. Na atividade de colagem todos criaram uma história que continham perdas, sejam elas relacionadas a um objeto, ente querido ou companheiro amoroso do personagem criado na atividade. Esse tema pode ter surgido devido às angústias provocadas pelo conto, como também pela conversa entre os integrantes referente à morte, promovidas no decorrer do encontro.

Na atividade coletiva de recontar a história, promovida na última sessão de trabalho com o conto João e Maria, as crianças decidiram apresentar um teatro solicitando que as terapeutas fossem a plateia. Esse comportamento pode ser relacionado com a perspectiva de identificação e reconhecimento existente no grupo, que novamente se destinou às figuras das terapeutas. Diferentemente do terceiro encontro do conto Dumbo, houve um foco maior por parte dos participantes em se organizar e definir falas para a apresentação, destinando poucos minutos para confecção de apetrechos para caracterização dos personagens. Durante a conversa, todas as crianças se reuniram em um abraço conjunto para definir de forma secreta a história apresentada, comportamento que exemplifica novamente o restabelecimento da coesão entre os integrantes.

Mesmo com esse movimento, houve desentendimentos no momento da execução, ainda que as falas e papéis já tivessem sido decididas previamente. Após esse ocorrido, novamente os meninos se separaram das meninas, ocasionando uma cisão do grupo, em que somente as meninas continuaram a tarefa e os demais decidiram permanecer ao lado das coordenadoras do grupo como plateia.

Notou-se protagonismo na atividade por parte de Aline e Amanda, uma vez que essas recontaram a história juntas e tentaram em diversos momentos situar os participantes de seus papéis nos momentos em que se dispersaram da tarefa, coordenando assim o teatro. Neste encontro Aline desenvolveu o papel de Maria, movimento diferente dos encontros anteriores, em que apresentava postura mais madura que os demais e representando personagens que denotam essa maturidade, como a mãe do personagem Dumbo no teatro do primeiro conto trabalhado. Neste conto, estando mais vinculada e próxima dos participantes, Aline identificou-se com uma figura que condiz com a sua idade, demonstrando que estava se sentindo reconhecida pelos demais membros do grupo, desse modo, conseguiu representar o papel de um personagem mais parecido com as demais crianças. Ao final, foi possível observar que as intervenções realizadas pelas terapeutas favoreceram o vínculo grupal e o sentimento de reconhecimento dos participantes, promovendo maior coesão grupal para a realização das atividades propostas.

4) Ausência paterna e o sentimento de abandono no conto Cinderela.

Inicialmente, notou-se que um ponto comum a todas as crianças foi a ausência da figura paterna de forma concreta ou simbólica, esta última manifestada a partir de pais pouco participativos na criação dos filhos. Deste modo, esperava-se que conflitos com essa figura fossem mais aparentes, entretanto, identificou-se que a figura materna é protagonista dos principais conflitos apresentados ao longo da oficina, justamente por desempenhar ambos os papéis. Conforme descrito no eixo de discussão anterior, existem diversos tipos de conflitos por parte das crianças com a figura materna, o que já havia sido identificado nas entrevistas, tornando-se ainda mais evidente nas atividades gráficas, colagem e na dinâmica apresentada pelo grupo nos contos anteriores.

Diante dessa demanda foram escolhidos contos que estão relacionados com o vínculo estabelecido entre a mãe e filho (Rapunzel e Cinderela), mas que também trabalham a

ausência paterna. Essas histórias apresentam diferenças significativas nas características que são atribuídas a essas figuras, sendo descritos temas na Rapunzel como a simbiose materna e em Cinderela os diferentes papéis atribuídos à figura da mãe, acrescido da rivalidade fraterna (Corso & Corso, 2006). No conto de “Rapunzel” existem duas figuras que desempenham papel da figura materna, a mãe biológica que se mostra indiferente à perda da filha e a madrasta, desenvolve simbiose com a criança, sendo castradora em diversas situações. Em paralelo, na história da “Cinderela”, apesar de existir uma madrasta castradora, (assim como a bruxa em Rapunzel) há uma fada madrinha que opera uma reparação e auxilia a personagem em seu conflito. Outra demanda que já havia sido percebida nas atividades e relatos anteriores das crianças, refere-se à rivalidade fraterna, o que pode ter contribuído para a escolha do conto “Cinderela”.

No primeiro encontro do conto, as crianças apresentaram maior dificuldade quando comparado aos encontros anteriores, pois desde o momento que adentraram a sala, afirmavam que não gostariam de realizar nenhuma atividade gráfica e apresentando certa agressividade com os demais colegas. Foi levantada a hipótese de que esses comportamentos poderiam estar relacionados com a fala inicial das terapeutas, sobre a proximidade do término dos encontros uma vez que, seria a última história trabalhada com o grupo. Durante a apresentação do conto, as crianças ouviram a história com certa resistência, se desconcentrando facilmente, sendo a atividade do desenho realizada por apenas um participante, enquanto os demais permaneciam em conversas paralelas e tentavam irritar uns aos outros.

No segundo encontro houve uma mudança significativa na postura das crianças, uma vez que, iniciaram de prontidão os rituais iniciais de início do grupo e a recapitulação da história, lembrando o encontro anterior, incentivando uns aos outros para participar da contação do conto, apresentando uma maior organização para a realização do trabalho. Tendo em vista a desorganização do encontro anterior, pode-se considerar que houve a modificação de muitos aspectos da dinâmica do grupo de um encontro para o outro, o que possibilita interpretar que houve um movimento de ataque inicial ao grupo frente ao anúncio do término da oficina, seguido de uma necessidade de operar a reparação frente aos ataques realizados na sessão anterior. Segal (1973/1975) descreve que todo bebê tem desejos reparadores para com sua

figura materna, tais impulsos contribuem com a integração dos indivíduos, e permitem que estes ampliem as capacidades egóicas de manter as relações e o amor através dos conflitos. Durante a contação da história, todas as crianças participaram ativamente, e ao final, contaram também o conto de “Rapunzel”. Realizaram a atividade de recorte e cola em conjunto e conversaram sobre questões a respeito da sexualidade, como por exemplo, suas preferências individuais de atribuição de beleza a figura feminina, procurando juntos modelos retratadas nas revistas com roupas curtas. Tais comportamentos podem estar relacionados com a sexualidade e a sedução, temas que também podem ser suscitados pela história da Cinderela, conforme análise dos autores Corso e Corso (2006).

Neste momento do encontro, enquanto falavam sobre esse tema, os participantes passaram a discutir sobre suas respectivas figuras paternas, comentando sobre a separação dos pais. A partir da fala de Bianca sobre o motivo pelo qual acredita que o pai foi embora, Pedro verbalizou que atribuía a culpa dessa partida à si, demonstrando deste modo, suas fantasias quanto às suas angústias a respeito dessa ausência que também ocorre em seu ambiente familiar. Tais relatos evidenciam que o conto de fadas possibilitou aos integrantes acessar os conflitos relacionados a essas figuras, promovendo o compartilhamento das experiências, e conseqüentemente, favorecendo a identificação com os demais integrantes que vivenciaram situações semelhantes.

João apresentou desenvolvimento significativo neste encontro, uma vez que foi o primeiro a iniciar a contação da história o que ainda não havia ocorrido até então, convidando as demais crianças para participarem ativamente da discussão do conto. Na sua produção, recortou diversas imagens e incentivou Pedro a também realizar seu recorte, mesmo que fosse uma cópia de sua confecção. Ao relatar sobre sua atividade, João descreveu inicialmente que a mãe de Cinderela havia falecido e em seguida, desenvolveu uma nova história em que a figura ausente era a paterna.

Quando se iniciou o terceiro e último encontro, as crianças foram novamente informadas sobre o encerramento do grupo, o que favoreceu novamente a perda da coesão grupal devido à dificuldade das crianças para lidar com o término do processo. Silveira (2008) aborda o processo de encerramento no atendimento grupal com crianças, evidenciando que as separações ocorridas nas relações do grupo podem ser vivenciadas com certa agressividade, no relacionamento entre os participantes, bem como, entre os participantes e os terapeutas,

considerando os elementos transferenciais e contratransferenciais existentes. Deste modo, salienta a importância da inserção deste tema dentre as discussões grupais.

Todos os participantes apresentaram agressividade para com os colegas e terapeutas e voltaram a buscar o armário como refúgio, se recusando a iniciar a atividade proposta para o encontro. Nos momentos em que a agressividade era apresentada com maior intensidade, foram realizadas conversas individuais com as crianças, trazendo em seguida essas questões para o grupo, com o intuito de nomear os sentimentos e angústias que o encontro estava despertando, bem como para retomar a atividade proposta para a sessão. Apenas João e Pedro se mostraram empenhados em recontar o conto e mesmo com as demais crianças estando dispersas, sentaram-se com uma das terapeutas e criaram uma história baseada na Cinderela, sendo o relato repleto de mortes dos personagens, descrevendo como ocorreria o enterro das figuras mortas.

Através do movimento grupal e dos relatos individuais apresentados por João e Pedro, é evidenciada a dificuldade presente relacionada à finalização iminente do processo de atendimento. Pode-se compreender que o grupo representou um objeto de grande investimento para as crianças. Silveira (2008) reflete que o grupo infantil possibilita que seus participantes exerçam uma atividade prazerosa onde a prática lúdica proporciona a elaboração dos conflitos e realização de desejos por meio do brincar. Deste modo, os participantes do grupo, mobilizados também pelas experiências anteriores de abandono, vivenciaram o término do processo significando-o como mais uma experiência de separação, passando a vivenciar o luto pelo encerramento do processo, que foi experimentado de modo singular por cada uma das crianças.

Após a finalização dos encontros, foi proposto um último encontro com o objetivo de realizar uma devolutiva conjunta com as crianças, para discussão do desenvolvimento da integração grupal e avanços que as crianças apresentaram ao longo do processo. Atendendo aos preceitos lúdicos, foi proposta uma devolutiva dialógica, solicitando aos participantes que construíssem um conto de fadas com começo e fim, podendo ser utilizadas revistas e materiais gráficos. A regressão observada no encontro anterior foi superada, uma vez que, todos os integrantes construíram a história de forma organizada e criaram o conto de forma conjunta demonstrando o retorno da coesão grupal.

A história criada representou a realidade social dos integrantes, sendo duas irmãs muito pobres que não conseguiam obter o que desejavam devido ao alto custo financeiro. Como resolução deste problema, criaram um foguete para ir a outro planeta que disponibiliza comida gratuita, retornando para terra trazendo um bolo. Ao retornar, o foguete é trocado por um carro, que passa a ser alugado, possibilitando assim a aquisição de uma renda para as irmãs. Houve dificuldade por parte das crianças em criar um final para este conto, que pode ser relacionado com a dificuldade grupal já descrita anteriormente com finalizações e encerramentos. A atividade gráfica que até então estava colorida e com diferentes imagens retiradas das revistas, foi realizada apenas com traços simples e poucos detalhes foram inseridos no desfecho. Ao final do conto construído coletivamente, uma das irmãs casou-se com um homem rico que lhe possibilitou morar em uma casa grande, excluindo a outra irmã desse final feliz, situação que pode relacionar-se com a rivalidade fraterna dentro da constituição familiar das crianças.

O conto criado evidencia que ainda que as crianças utilizem da fantasia para pensar em questões que compõem sua realidade social, existe uma tentativa de enfrentamento e resolução de problemas e expressão de sentimentos e angústias relacionadas. Movimento grupal que é normalmente apresentado de acordo com as literaturas anteriormente publicadas e transcritas neste trabalho e se assemelham com os resultados dessa pesquisa.

Diante dos benefícios apresentados pelo atendimento grupal com a utilização dos contos de fadas, foi apresentada aos responsáveis nas devolutivas individuais a necessidade de continuidade dos encontros para que fosse possível dar seguimento aos avanços identificados. Para alguns participantes também foram sugeridas nas devolutivas com os pais, atendimentos em psicoterapia individual.

Considerações Finais

A partir dos encontros desenvolvidos, foi possível compreender os diferentes papéis dos contos de fadas no trabalho grupal com crianças em vulnerabilidade social. O conto de fadas proporciona às crianças formas de lidar com questões que geram angústias no contexto familiar, como por exemplo, por meio da identificação direta de sua experiência com as dificuldades que o personagem vivencia, ou até mesmo, projetando na história conflitos

presentes em suas relações vinculares. A identificação com os personagens possibilita que as crianças consigam se expressar por meio dos contos, simbolizando seus conflitos a partir de uma perspectiva lúdica.

Além dos conflitos apresentados, observou-se que os contos de fadas também favorecem a expressão dos seus desejos e as compreensões que possuem sobre as relações e ambientes em que estão inseridas. O contexto e dinâmica familiar foram expressos constantemente nas atividades. No decorrer dos encontros e com a intensificação do pertencimento grupal, as atividades baseadas nos contos suscitaram nos integrantes a necessidade de trocar experiências uns com os outros, bem como, verbalizar suas insatisfações em relação ao medo da separação materna, a ausência paterna e demais temas que são abordados direta ou indiretamente a partir das histórias.

A coesão grupal favoreceu um processo identificatório entre as crianças, já que a partir da dimensão lúdica, puderam constatar semelhanças nos conflitos sociais e familiares vivenciados no dia a dia. O aprendizado internalizado adquirido a partir da relação com os contos apresentados também possibilitou que as crianças criassem personagens que buscam o enfrentamento de desigualdades e superação de dificuldades sociais, evidenciando o papel dos contos de fadas na expressão e elaboração dos conflitos de crianças que vivenciam contextos sociais marcados pelo abandono, violência e vulnerabilidade. Como forma de elaboração destas adversidades a partir da dimensão simbólica, as crianças puderam atribuir aos personagens recursos para o enfrentamento dos diferentes conflitos apresentados, sendo o vilão da história muita das vezes caracterizado como a própria vulnerabilidade social que enfrentam diariamente e que influi diretamente na qualidade dos vínculos com as figuras parentais.

Referências

- Afonso, M. L. M. (Org.). (2018). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte, MG: Artesã Editora.
- Ariès, P. (1981). A Descoberta da Infância. (In D. Flaksman Trad.), *História Social da Criança e da Família* (pp. 50-68). Guanabara: RJ: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. (Original publicado em 1975).
- Anzieu, D. (1978). *Os métodos projetivos*. (M. L. E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Campus.

- Bettelheim, B. (2015). A luta pelo significado. (A. Caetano, Trad.), *A psicanálise dos contos de fadas* (pp.11-31). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. (Original publicado em 1974).
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo, SP: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bolsson, J. Z., & Benetti, S. P. C. (2011). As Manifestações de Angústia e o Sintoma na Infância: Considerações Psicanalíticas. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(2), 555-589. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200005&lng=pt&tlng=pt
- Carlomagno, M. C., & Rocha, L. C (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista eletrônica de Ciência e Política*, 7(1), 173- 188. doi: 10.5380/recp.v7i1.45771
- Corso, D. L. & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã*. (M.B. Canto Eds.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Costa, A. M., Cadore, C., Lewis, M. S. R., & Perrone, C. M. (2013). Oficina terapêutica de contos infantis no CAPSi: relato de uma experiência. *Barbaroi*, 1(38), 235-249. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100013&lng=pt&tlng=pt
- Falconi, I. M., & Farago, A. C. (2015). Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, 2(1), 85-111. Recuperado de; <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf>
- Fávero-Nunes, A. M. (2019). Formação na clínica: uma experiência inicial com crianças e famílias orientada pela Psicanálise. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 40(1), 63-76. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432019000100005&lng=pt&tlng=pt
- Freitas, M. C. (2016). Psicoterapia de crianças: o brincar como método de tratamento psicanalítico. *Multiciencia online*, 1(1), 144-133. Recuperado de <http://urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v2/n3/4158e04e9962931ffb580c9572b84a13.pdf>
- Guimarães, M. C., Malaquias, J. H. V., & Pedroza, R. L. S. (2013). Psicoterapia infantil em grupo: possibilidades de escuta de subjetividades. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 13(3- 4), 687-710. Recuperado de:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200011&lng=pt&tlng=pt
- Kayser, T. D., & Lopez, V. B. (2017). Os Contos de Fadas como Método de Projeções dos Conflitos Latentes em uma Criança Institucionalizada. *Revista Ceapia*, 26(1), 50-63. Recuperado de http://www.bivipsi.org/wpcontent/uploads/Os_Contos_de_fada_como_m%C3%A9todo.pdf
- Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica. *Psicologia USP*, 15(1/2),

71-80. doi: 10.1590/S0103-65642004000100012

Sbardelotto, F. C., & Donelli, T. M. S. (2014). Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. *Contextos Clínicos*, 7(1), 37-48. doi: 10.4013/ctc.2014.71.04

Schneider, R. E. F., & Torossian, S. D. (2009). Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista*, 15(2), 132-148. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682009000200009&lng=pt

Segal, H. (1975). Reparação. (In J. C. Guimarães, Trad.), *Introdução à obra de Melanie Klein* (pp.105-116). Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora LTDA. (Original publicado em 1973).

Silva, M. E. L. (1998). A relação continente-contido. In M. Silva (Ed.), *Pensando o pensar. Uma introdução a W. R. Bion* (pp. 19- 74). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Silveira, C. A. B. (2008). As vivências de separação e o encerramento da psicoterapia de grupo: uma breve reflexão. *SPAGESP*, 9(1), 52-59. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702008000100009&lng=pt

Werlang, B. S. G., & Cunha, J. A. (1993). Avaliação da personalidade sob o enfoque projetivo. In J. A. Cunha (Org.), *Psicodiagnóstico-R* (pp. 123-129). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias* (2a. ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul. (Original publicado em 1993).